

TURISMO NO RIO GRANDE DO SUL (1930-1960): HISTÓRIAS E MEMÓRIAS

Tourism in Rio Grande do Sul (1930-1960): Histories and Memories

DALILA ROSA HALLAL¹, DALILA MÜLLER² & VALERIA LIMA GUIMARÃES³

RESUMO

Este trabalho objetiva analisar a História e as memórias que marcaram o processo de desenvolvimento do turismo no Rio Grande do Sul [Brasil] a partir da década de 1930 até a década de 1960. Busca-se identificar o início da organização da atividade turística no Estado e como se deu sua institucionalização até a elaboração do Plano Regional de Turismo, na década de 1970, procurando compreender de que maneira e através de quais mecanismos o turismo se configurou no Estado. A análise foi realizada a partir de uma perspectiva histórica com o uso de fontes bibliográficas, documentais e orais. Os estudos sobre a história do turismo no Rio Grande do Sul indicam que a atividade se configura a partir de referências diversas, principalmente do Uruguai. O que determinou o turismo no Estado neste período foram as comemorações do Centenário Farroupilha; a instalação do Touring Club do Brasil- Secção do Rio Grande do Sul; e a Festa da Uva realizada em Caxias do Sul.

PALAVRAS-CHAVE

Turismo; Historiografia; História do Turismo; Rio Grande do Sul.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the History and memories that marked the process of tourism development in Rio Grande do Sul from the 1930s to the 1960s. It seeks to identify the beginning of the organization of tourist activity in the State and how it was institutionalized until the elaboration of the Regional Tourism Plan in the 1970s, trying to understand how and through which mechanisms tourism was configured in the State. The analysis was carried out from a historical perspective using bibliographical, documental and oral sources. Studies on the history of tourism in Rio Grande do Sul indicate that the activity is based on references, mainly from Uruguay. What determined tourism in the state in this period were the celebrations of the Farroupilha Centenary; the installation of the Touring Club do Brazil - Section of Rio Grande do Sul; and the Grape Festival held in Caxias do Sul.

KEYWORDS

Tourism; Historiography; History of Tourism; Rio Grande do Sul.

¹ **Dalila Rosa Hallal** – Doutora. Professora na Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/4606760006124679> E-mail: dalilahallal@gmail.com

² **Dalila Müller** – Doutora. Professora na Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/3450137421308599>. E-mail: dalilam2011@gmail.com

³ **Valeria Lima Guimarães** – Doutora. Professora na Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/5344912790840208> .E-mail: valeriaguimaraes@id.uff.br

INTRODUÇÃO

O presente artigo objetiva analisar a História e as memórias que marcaram o processo de desenvolvimento do turismo no Rio Grande do Sul [Brasil], a partir da década de 1930 até a década de 1960. Especificamente, buscamos identificar o início da organização da atividade turística no Estado e como se deu sua institucionalização até a elaboração do Plano Regional de Turismo na década de 1970, através de uma perspectiva histórica.

O estado do Rio Grande do Sul localiza-se no extremo sul do Brasil, fazendo fronteira com o Uruguai e a Argentina. Na geografia da região sul, predominam os pampas e os planaltos. Pampa é o nome dado tanto no Rio Grande do Sul como nas Repúblicas do Prata, às planícies cobertas de vegetação rasteira. Essa planície abrange terras da Argentina, do Uruguai e do Rio Grande do Sul. Quanto à formação histórica da região, há uma semelhança nos modos de viver e de costumes. Essas interações fizeram com que, tradicionalmente, Brasil, Uruguai e Argentina apresentassem vínculos históricos e comerciais na região. O Rio Grande do Sul possui muitos municípios na faixa de fronteira com o Uruguai e a Argentina.

Neste artigo discutimos como surgem os discursos que consolidam a atuação do Estado no turismo do Rio Grande do Sul. Esses discursos sobre a atuação do poder público na área de turismo estavam amparados por um discurso nacional.

A década de 1930 é marcada por mudanças sociais e políticas no País, o Estado utilizando-se do esporte, principalmente do futebol, para divulgar e implementar sua política nacionalista. O Brasil assinou diversos convênios com o Uruguai por ocasião da Copa do Mundo FIFA de 1938, realizada naquele país, com o objetivo de fomentar o turismo entre as duas nações (Decreto n. 1.846), assim, “o convênio se coloca como num contexto nacional em que a atividade turística passa a ter um reconhecimento pelo poder público” (Teles; Pieri & Oliveira, 2016, p. 29).

No final da década de 1930 foi criado o Departamento de Imprensa e Propaganda [DIP], composto por cinco divisões: Divisão de Divulgação; de Rádio Difusão; de Cinema e Teatro; de Turismo; de Imprensa. No que se refere ao turismo, o DIP tinha como responsabilidade a organização e fiscalização dos serviços turísticos internos e externos e a propaganda turística do Brasil no exterior. Com a criação do DIP, Getúlio Vargas centraliza e direcionava a ideologia do Estado Novo junto a população e aos trabalhadores, estando o turismo a serviço do Estado, projetando a imagem populista de Getúlio Vargas.

O DIP é fechado em 1945 e somente na década de 1950, a Confederação Nacional do Comércio organizou os Congressos Brasileiros de Turismo em 1956 e 1957, e criou seu Conselho de Turismo, iniciando campanha para oficializar o turismo no País (Goidanich, 1993). Ainda nesta década, em 1958, o governo de Juscelino Kubitschek instituiu, vinculada à Presidência da República, a Comissão Brasileira de Turismo [COMBRATUR], através do Decreto n°. 44.863 de novembro de 1958. Esse Decreto traz, pela primeira vez, referências a uma política nacional de turismo. Em 1962 a COMBRATUR é extinta. Em 1966, a partir do Decreto-Lei n. 55, começou a ser discutida a necessidade de se traçar as diretrizes de uma Política Nacional de Turismo, com a criação da Empresa Brasileira de Turismo [EMBRATUR] e do Conselho Nacional de Turismo [CNTur].

O turismo apresenta-se como fruto de grandes transformações socioeconômicas, culturais e tecnológicas que se iniciaram no final do século XVIII. No Brasil, ainda são poucos os estudos que tratam o turismo através de uma perspectiva histórica, apesar de todos os esforços que os pesquisadores vêm fazendo ao longo das últimas décadas. Especificamente sobre a história do turismo no Rio Grande do Sul, há uma carência ainda maior, destacando-se somente dois livros: o organizado por Hilda Flores, intitulado *Turismo no RS. 50 anos de pioneirismo no Brasil* (Flores, 1993), que dividida a história do turismo no Estado por décadas, de 1920 até 1980, no texto assinado por Oswaldo Goidanich. O próprio título já destaca o caráter pioneiro do Rio Grande do Sul na organização e institucionalização do turismo no Brasil. Outra publicação que merece ser destacada é *Dois pioneiros da comunicação no Rio Grande do Sul: Oswaldo Goidanich, Roberto Eduardo Xavier* (Hohlfeldt & Valles, 2008), que aborda, entre outras temáticas, a relação de ambos com a atividade turística no Estado.

Assim, este artigo se justifica pela carência de estudos, pesquisas, reflexões e literatura técnico-científica que busquem discutir as origens e o desenvolvimento das atividades turísticas no Rio Grande do Sul e a sua institucionalização. O período investigado neste trabalho compreende os anos de 1930 até o final dos anos 1960. O marco inicial se justifica pelo fato de que, nas décadas de 1920 e 1930, iniciam as primeiras ações voltadas para a atividade no Estado, a partir da relação com os países do Prata. Na década de 1920, mais especificamente em 1927, foi criada a Viação Aérea Rio Grandense [VARIG] em Porto Alegre-RS. A primeira rota da Varig ficou conhecida como a Linha da Lagoa, e ligava Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande. Também neste período é criada a Seção Rio Grande do Sul do Touring Club do Brasil, que terá relevância no

encaminhamento da atividade, tanto no Estado como no Brasil, uma vez que não havia nenhum órgão governamental responsável pela organização do turismo em âmbito nacional e estadual.

A análise histórica do turismo no Rio Grande do Sul foi realizada a partir do uso de fontes bibliográficas, documentais e orais. As fontes bibliográficas se referem a teses e dissertações e livros, como o livro memorialístico organizado por Hilda Flores (1993). A imprensa também foi consultada. De acordo com Luca (2005) somente com a Nova História a imprensa começou a ser utilizada como fonte para pesquisas históricas, pois alterou-se a maneira de inquirir o texto, interessando-se mais pela maneira como dizem, pelos termos utilizados, pelos silêncios, do que pelo que dizem, mais propriamente.

A imprensa é vista como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social, não como um simples transmissor imparcial e neutro das informações, ou seja, é um produto da realidade que a fabricou. Desse modo, torna-se importante questionar e contextualizar esta fonte. Os jornais foram pesquisados na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, no acervo on line do Centro de Memória da Câmara Municipal de Caxias do Sul e no acervo do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, na cidade de Porto Alegre. Os acervos de Oswaldo Goidanich e Roberto Eduardo Xavier, disponíveis no Núcleo de Pesquisa em Ciências da Comunicação, da PUCRS, também foram pesquisados.

As fontes documentais se referem a anais de eventos, leis e decretos e também documentos da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul. De acordo com Cellard (2012), os documentos devem ser analisados inicialmente a partir de cinco dimensões, quais sejam, o exame do contexto no qual foi produzido o documento; os interesses do autor ou dos autores do documento; a qualidade e autenticidade do documento; a natureza ou o suporte do texto; e, a delimitação adequada do sentido das palavras e conceitos. Após análise preliminar, proceder-se-á a interpretação, levando em conta o questionamento inicial. Para Cellard, o documento permite a observação do “processo de maturação ou de evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas etc.” (p. 295).

As narrativas de história oral também foram utilizadas. A história oral recupera aspectos individuais de cada sujeito, mas, ao mesmo tempo, ativa uma memória coletiva, pois, à medida que cada indivíduo conta a sua história, esta se mostra envolta em um contexto sócio-histórico que deve ser considerado. A história oral possibilita ao historiador captar a experiência do narrador, suas tradições, mitos, narrativas de ficção que se encontram no fundo da memória,

assim como as crenças existentes no seu grupo. Le Goff (1990) entende a memória como “um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e nas angústias” (p. 476). A história oral permite “recuperar aquilo que não encontramos em documentos de outra natureza: acontecimentos pouco esclarecidos ou nunca evocados, experiências pessoais, impressões particulares” (Alberti, 2005, p. 22). Desse modo, a história oral atua onde outros documentos não atuam “revelando segredos, detalhes, ângulos pouco ou nada preservados pelos documentos formalizados” (Meihy, 2011, p. 197).

Recuperam-se entrevistas realizadas entre os anos de 2008 e 2009, gravadas e transcritas¹, com sujeitos envolvidas com o turismo no Rio Grande do Sul. Entre eles, destacamos Norma Moesch, discente e docente do Curso de Turismo, na PUCRS; Victor Faccioni, que propôs a criação da Comissão de Turismo da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, em 1967; e Edison Batista Chaves, primeiro secretário de Turismo do Rio Grande do Sul. As narrativas desses atores diretamente ligados à atividade turística se relacionam com suas vivências e suas memórias, ajudando a explicar e contextualizar a organização do turismo no Estado.

621

HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DO TURISMO NO RIO GRANDE DO SUL

Entre as décadas de 1920 e 1930 se iniciaram os primeiros movimentos relacionados à atividade turística no Rio Grande do Sul, decorrentes da convivência com os países do Prata, sobretudo o Uruguai. Os rio-grandenses costumavam realizar viagens a Montevideú e Punta del Este, no Uruguai, e a Buenos Aires, na Argentina (Moesch, 1997). É também no final da década de 1930, em função da Copa do Mundo de 1938 realizada no Uruguai, que o Brasil, a partir de convênios, vai fomentar o turismo entre os dois países (Teles; Pieri & Oliveira, 2016). Goidanich (1993) descreve que, em 1920, Montevideú e Buenos Aires eram duas capitais preferenciais do povo sul-rio-grandense e, visita-las, representava *banho* anual de civilização, cuja influência posterior se fazia sentir nos usos e costumes.

Por obra e graça dessa influência, foi que se plantou a semente do turismo no Rio Grande do Sul. Já então o Uruguai se adiantara a todos os países do Continente na exploração turística. A *Suíça-americana*, como era apelidada a vizinha nação, nos dava um exemplo e uma lição. Acordamos com ela e aí reside certamente a razão do pioneirismo do nosso Estado no campo do turismo em relação aos outros Estados da União. Aprendemos cedo com o Uruguai. (Goidanich, 1993, p. 18, grifo do autor)

Em entrevista, Norma Martini Moesch (12/03/2009) também lembra que foi a partir da convivência com os países do Prata, em especial com os uruguaios, que os gaúchos passaram a dar atenção ao turismo, recebendo da ‘Suíça Sul-Americana’ as primeiras lições acerca da matéria:

[...] como diz o Oswaldo Goidanich, a história do turismo no Brasil, o pioneirismo do turismo no Brasil começa muito cedo e, curiosamente ela entra pela porta dos fundos, e o Uruguai é o país que nos dá as primeiras lições, porque os uruguaios tinham a famosa Semana Oficial do Turismo, que é a semana da Páscoa, que até hoje prevalece, e o grande destino turístico dos uruguaios era Porto Alegre e a Serra Gaúcha, eles não iam além desses dois pontos de visitação.

Nos anos 30 do século XX, Montevideú se delineava como uma capital urbana, onde os símbolos da modernidade se relacionavam com o mar, cuja proposta dos dirigentes era tornar o país turisticamente reconhecido por seus balneários. Suas praias eram populares, atraindo uma quantidade considerável de banhistas argentinos e brasileiros (Schossler, 2016). Frente a essa proposta foram criados departamentos para desenvolver políticas pelas quais os mecanismos de propaganda expressariam a modernização do país, com foco em um projeto turístico. Conforme sublinha a historiadora Mónica Maronna (2012), o turismo que vai despontando no Uruguai nos anos 1930 se fortalece como atividade nacional, pois a ele é atribuída a tarefa de destacar, pelos meios de comunicação, os atributos ‘singulares’ e ‘excepcionais’, ‘materiais e imateriais’ como forma de propaganda política (pp. 568-584).

Em 1930, ano em que o Uruguai comemorou seu centenário, foi criado o Conselho Nacional de Turismo [CNDT], regulamentado por lei em 1933 (Schossler, 2016). De acordo com a autora, o órgão tinha por finalidade desenvolver políticas de valorização da identidade nacional, buscando também promover o Uruguai como um país balneário. Desde então, o país ficou conhecido por suas belezas naturais, tornando-se um dos principais destinos turísticos na América Latina. Conforme Schossler (2019), após sua criação, o Conselho Nacional de Turismo cria, em 1935, seu órgão oficial de representação para divulgar as belezas do país por meio da revista intitulada *Turismo en el Uruguay*, a qual visava destacar aquilo que ela “acredita ser digno de ser conhecido” (p. 320) no Uruguai. A mesma autora, descrevendo sobre o processo de evolução e urbanização da beira-mar gaúcha, ressalta que:

No início da década de 1940, o sucesso das estações balneárias do Uruguai chamou a atenção do poder público do Rio Grande do Sul, que enviou o urbanista e engenheiro Ubatuba de Faria à Faculdade de Arquitetura da Universidad de la República del Uruguay, a fim de estudar os empreendimentos na costa atlântica e, posteriormente, executar um plano urbanístico para as cidades balneárias do litoral gaúcho. (Schossler, 2017, pp. 19-20).

A circulação de ideias entre o Rio Grande do Sul e o Uruguai foi possível pela proximidade geográfica, mas principalmente, “pela proximidade entre os aspectos culturais desses territórios, sendo a prática cultural do veraneio um hábito marcante dessas sociedades” (Schossler, 2019, p. 319).

Ao longo da década de 1940, a revista *A Gaivota* destaca os empreendimentos e a identidade regional das praias gaúchas, aproximando seus voos dos balneários marítimos do Uruguai, os quais passaram a inspirar fortemente a construção de cidades balneárias do litoral gaúcho. Nessa época, o país era referência para a América Latina, por sua costa marítima e políticas de turismo criadas a partir da década de 1930 (Schossler, 2019). No Rio Grande do Sul, o primeiro folheto turístico editado no Estado se referia ao veraneio, tendo como chamada a frase “Onde vamos veranear?” (Goidanich, 1993), demonstrando a importância dessa atividade no período [década de 1930].

Nesse sentido, é possível inferir que o Brasil ia buscar referências para o desenvolvimento do turismo no país vizinho, o Uruguai, que já havia dado início ao processo de institucionalização da atividade turística com a criação do Conselho Nacional de Turismo no início da década de 1930, buscando inclusive estudar o Uruguai como um país balneário. Verificamos, assim, o cruzamento de ideias, o trânsito de modelos, as políticas implantadas e as peculiaridades sociais e culturais que envolviam a prática do veraneio na sociedade gaúcha e uruguaia, se constituindo um cenário balnear inédito e peculiar, não se limitando a meras importações ou reproduções das estações balneárias europeias.

Na década de 1930, seria a vez dos moradores dos países vizinhos se deslocarem ao Rio Grande do Sul, inicialmente em função das comemorações do Centenário da Revolução Farroupilha, em Porto Alegre, e mais tarde por ocasião da primeira Festa Nacional da Uva, em Caxias do Sul.

A preocupação pelo Turismo – pode-se dizer – apareceu pela primeira vez no Rio Grande do Sul, em 1935, com a realização das grandes festas do Centenário Farroupilha. Já antes, é verdade, a realização em Caxias do Sul da Primeira Festa da Uva ensejava um importante passo para a promoção turística do Estado, mostrando as grandes possibilidades que, no campo das feiras e festas regionais, se abriam ao turismo no Rio Grande do Sul. (Goidanich, 1993, p. 27)

De acordo com Gastal, Machiavelli e Guterres (2013), desde 1875 o Rio Grande do Sul realizava exposições e feiras, porém, somente na década de 1930, com a realização da Festa da Uva em Caxias do Sul em 1931 e da Exposição do Centenário Farroupilha em Porto Alegre em 1935, que se observa a maior aproximação das festas com o turismo.

A partir de setembro de 1935 o Governo do Estado do Rio Grande do Sul promoveu a Exposição Internacional Agrícola e Industrial de Comemoração do Centenário Farroupilha, realizada na área da então chamada Várzea da Redenção, em Porto Alegre. Os preparativos para Exposição iniciaram um ano antes, quando também ocorreu a indicação do prefeito de Porto Alegre, Alberto Bins, para presidente do Comissariado Geral da Festividade, pelo interventor no governo do estado, Gal. Flores da Cunha. A Exposição contou, desde o início, com o empenho do Centro de Indústria Fabril e da Federação das Associações Rurais, revelando-se um evento de proporções gigantescas para época (Ceroni, 2009).

Marcado pela diversidade, a exposição foi um 'super espetáculo', com uma grande estrutura e mostras de produtos industriais e agrícolas, obras de arte, livros, jornais e até de achados paleontológicosⁱⁱ. Foram construídos pavilhões para apresentação dos estados brasileiros, sua história, costumes e desenvolvimento. Oito estados – São Paulo, Pernambuco, Santa Catarina, Paraná, Pará/Amazonas, Rio de Janeiro [Distrito Federal, na época] e Minas Gerais – estiveram presentes, além de inúmeras delegações estrangeirasⁱⁱⁱ (Reginato, 2010).

Cercado de diferentes significados, o evento foi liderado pela elite rio-grandense e tratado como uma grande oportunidade de demonstração do desenvolvimento econômico, social e político do Rio Grande do Sul. Ao idealizar a exposição, o governo do Estado teve dois objetivos oficiais: marcar os cem anos da Revolução Farroupilha e festejar o ingresso do Estado em uma época de modernização e desenvolvimento (Machado, 1990).

O evento mobilizou toda a cidade de Porto Alegre até janeiro de 1936, quando é finalizada a exposição. Conforme o Relatório sobre a Exposição Farroupilha apresentado pelo Comissário Geral Major Alberto Bins ao Exmo. Sr. Governador do Estado, Gal. J. A. Flores da Cunha (1936, p. 34) a Exposição teve grande repercussão em Porto Alegre, com mais de um milhão de pessoas visitando a cidade, numa época em que Porto Alegre possuía 300 mil habitantes. Os organizadores da Exposição ensinavam mostrar a opulência econômica, social e política do Rio Grande do Sul em um grandioso espetáculo, pela magnitude da exposição. Ceroni (2009, p. 79-80) lembra que a realização de uma grande exposição não é uma ideia original.

As grandes exposições tornaram-se famosas ainda no século XIX e possuem estreita relação com a veiculação das propostas das elites dominantes, inseridas na ordem capitalista e em projetos de modernização econômica. As exposições eram constituídas como grandes espetáculos, destinados a serem vividos intensamente, transformando-se em espaço de difusão dos objetos expostos. Por seu caráter festivo, muitas exposições foram organizadas em datas históricas significativas: é o caso da exposição de 1889 na França e da Exposição de Chicago em 1893 comemorando o quarto

centenário do descobrimento da América. No Brasil as exposições ocorrem com maior frequência [sic] a partir do início do século, da mesma forma que o país envia delegações ao exterior para a participação de exposições estrangeiras.

No dia 15 de novembro de 1935, feriado da Proclamação da República do Brasil, deu-se início a mais um evento comemorativo pelo centenário da Revolução Farroupilha. A prefeitura de Porto Alegre, em parceria com o Touring Club do Rio Grande do Sul, que tinha como uma das suas funções gerir todas as provas e campeonatos de carros de competição no Estado, e com o jornal *Correio do Povo*^{iv}, organizaram o Grande Prêmio Farroupilha de Automobilismo.

Para Pesavento (2003), indiscutivelmente, em 1935 o acontecimento buscou estabelecer um verdadeiro marco, juntando passado e presente e insinuando o próprio futuro, que se acreditava ser de pujança econômica. Em suma, o Rio Grande do Sul procurava evidenciar o progresso e se despojar de um passado que o nobilitava.

Assim, as comemorações do Centenário da Revolução Farroupilha, em 1935, se constituíram numa sucessão de grandes eventos o ano todo, fazendo Porto Alegre viver uma das grandes festa do século XX, configurando-se também como um marco importante na história regional e do turismo do Rio Grande do Sul, uma vez que Gastal, Machiavelli e Guterres (2013) supõem que sua realização teve desdobramentos futuros. As autoras destacam que quando da criação do Serviço Estadual de Turismo [SETUR], em 1950, a promoção de eventos e festas foi destacada, tendo, em sua estrutura, uma Seção de Certames e Exposições. O Plano Estadual de Turismo elaborado tinha como um de seus objetivos, organizar o Calendário Turístico do Rio Grande do Sul a partir das principais manifestações culturais, artísticas, folclóricas, econômicas, dentre outras.

É na década de 1930 que começa a se configurar o turismo no estado do Rio Grande do Sul, dando início a um trabalho mais ordenado em 1935, quando instalou-se a Secção do Rio Grande do Sul do Touring Club do Brasil^v, com sede em Porto Alegre. Na época, o Estado era governado por José Antônio Flores da Cunha. O propósito inicial da criação dessa Secção fora o de cuidar da recepção, assistência e informação turística aos visitantes nas comemorações do Centenário Farroupilha. Nessa ocasião, foram prestados os primeiros serviços aos turistas no RS.

O Touring Club do RS foi criado em 1935, por Clio Fiori Druck, Jorge de Mello Feijó, Fernando de Abreu Pereira, Newton Netto, entre outros. A data marca não só a criação do Touring, mas, de fato, significa um marco importante para o até então incipiente Turismo do Rio Grande do Sul, pois iniciou um trabalho ordenado, que mobilizou a sociedade e o poder público para as possibilidades e os benefícios do Turismo. (Gastal & Castro, 2008, p. 37)

Com o passar do tempo, a grande figura do Touring local foi Osvaldo Goidanich. Em 1935, quando abriram os portões da Exposição do Centenário Farroupilha, Goidanich foi o primeiro atendente do Bureau de Turismo – um centro de informações – ali instalado. Sobre a Exposição do Centenário Farroupilha ele diria, anos mais tarde, que ela foi uma festa de civilização, que colocaria Porto Alegre entre as grandes capitais latino-americanas. Gravitaram em torno do Centenário Farroupilha, iniciativas e eventos que marcaram um momento privilegiado na vida dos trezentos mil habitantes da cidade de Porto Alegre. Mas, o mais importante teria sido a geração dos primeiros fluxos turísticos para o Rio Grande do Sul (Gastal & Castro, 2008, pp. 37-38).

Na década de 1940, o Touring Club realizou o primeiro inventário turístico do Rio Grande do Sul, editado sob o título *O Guia do Turismo do Rio Grande do Sul*. De acordo com Goidanich (1993), o Guia possuía cerca de 200 páginas de texto informativo, com mapas e plantas especiais, ilustrações, horários de trens, aviões e das primeiras linhas intermunicipais de ônibus que circularam no Estado. A década de 1940 também foi marcada pela inauguração da BR 116, ligando Porto Alegre e Caxias do Sul ao resto do País, despertando “as possibilidades turísticas de Gramado e Canela” (Moesch, 1997, p. 129). Goidanich (1993) também destaca que a nova estrada significou um grande impulso para o rodoviarismo e para o turismo, principalmente em Canela e Gramado.

Desse modo, o turismo no Rio Grande do Sul irá se desenvolver de maneira mais consistente a partir das décadas de 1920 e 1930, com a criação da Varig em 1927, do Touring Club em 1935, com a expansão e a qualificação das estradas e com surgimentos de hotéis e de restaurantes. A realização da primeira Festa das Uvas^{vi} em 1931, e da Exposição do Centenário Farroupilha em 1935, foram representativos para o início do turismo no Estado. Schommer (2014, p. 294) ressalta que os destinos turísticos pioneiros foram Canela e Gramado e Porto Alegre que “se beneficiará desse fluxo, levando ao surgimento de estruturas receptivas em termos de hotéis e restaurantes, seguida por uma política de eventos”. Em relação à Festa da Uva, Zanini e Santos (2013, s/p) afirmam:

Em 1928, com o objetivo de regular a produção e melhorar a qualidade da uva, as cantinas criaram o Instituto Riograndense do Vinho, órgão que reunia apenas as indústrias. Estimulados pelo governo, os viticultores formaram várias cooperativas em 1929. No dia 8 de março de 1931 foi realizada, no Clube Juventude, localizado na cidade de Caxias do Sul, a primeira Festa Nacional da Uva. Foi organizada [...] com o objetivo de melhorar a qualidade do vinho produzido na Serra Gaúcha. [...] Na verdade, esta primeira Festa da Uva, que aconteceu em um dia somente, foi uma exposição de uvas diversas e uma tentativa de convencer aos colonos que outras variedades

viníferas poderiam ser cultivadas com sucesso na região. Além disto, em todas as edições da Festa houve a presença de autoridades importantes, o que salienta o papel que as festas desempenham como catalisador e fomentador de capital social para a cidade. Os visitantes importantes eram extremamente bem atendidos e a cidade e suas potencialidades eram exibidas ao máximo.

Desde a sua primeira edição, em 1931, a Festa da Uva é realizada na cidade de Caxias do Sul. De acordo com Valduga (2011), desde 1885, que o vinho passara a ser o principal produto da Região Colonial Italiana e que o governo estadual passou a se preocupar mais com a produção, incentivando-a. O autor destaca que Caxias do Sul participara com 30 produtores de vinho na Exposição Industrial de Porto Alegre, em 1901. No ano anterior, Abramo Eberle, agricultor e industriário caxiense, apresentou vinho e graspa em São Paulo, os quais tiveram grande aceitação, abrindo mercado aos produtos da colônia. Outro aspecto destacado por Valduga (2011) foi a inauguração, em 1921, em Caxias do Sul, da Estação Experimental de Vitivinicultura e Enologia, que viria a ser promotora da Festa da Uva. Na época, Caxias do Sul foi chamada de “Pérola das Colônias” e também de ‘Metrópole do Vinho’ pelo Estado, pela sua produção agrícola e industrial e sua elite tinha mais força política no cenário estadual do que lideranças de Bento Gonçalves e Garibaldi” (Valduga, 2011, p. 118).

A primeira edição da Festa foi realizada nos salões do Clube Recreio da Juventude em Caxias do Sul (Valduga, 2011). O evento se realizou no espaço urbano, mesmo seu foco – a produção de uva e vinho – estando relacionado com o rural, demonstrando uma estreita relação entre o meio urbano e o rural (Gastal; Machiavelli & Guterres, 2013). Da mesma forma, outras festas de cidades do Rio Grande do Sul, como a Festa do Pêssego, em Pelotas e a Festa do Milho, em Guaporé, por exemplo, estavam relacionadas com o rural e o evento era realizado no espaço urbano. Mesmo assim, com as comemorações do Centenário Farroupilha e com a Festa da Uva já sendo realizada, até quase a metade da década de 1950 não se registrará nenhum tipo de preocupação governamental com relação ao turismo no Rio Grande do Sul. O Touring conduziu sozinho a atividade turística no Estado.

Em 1937 foi criado o Departamento Autônomo de Estradas e Rodagem [DAER], que começou a modificar o panorama rodoviário e, com isso, o turismo ganhou considerável impulso, pois as viagens em automóvel tornaram-se mais fáceis. Em 1938, iniciou-se a sinalização turístico-rodoviária no Estado. Na década de 1940 o Rio Grande do Sul torna-se um marco para o Turismo, um período de manifestação pública do Estado nas ações direcionadas ao setor. Goidanich (1993) relata este momento, registrando a realização do Congresso de Prefeitos da Região de

Caxias do Sul, no final de 1940, quando o Turismo é tema de discussão, tratando das possibilidades turísticas do Estado e o importante papel dos municípios na atração de turistas. A resposta oficial do Estado vem em dezembro de 1941, através da Diretoria das Prefeituras Municipais, manifestando-se favorável aos financiamentos para a construção e aparelhamento de hotéis.

O período compreendido entre 1942 e 1945, durante a II Guerra Mundial, foi difícil para o turismo no Estado, pois havia o racionamento de combustíveis, diminuindo o tráfego de automóveis nas estradas até sua quase total extinção. A Assembleia Constituinte do RS, eleita no ano de 1947, dispôs no art. 27 incentivo a criação de projetos de lei cujos objetivos fomentassem o turismo no Estado, por meio da criação de condições de acesso, higiene e conforto às estações balneárias, hidrominerais, climáticas e de repouso (Valduga, 2007). Durante o governo de Walter Jobim (1947-1951) foi criado no Rio Grande do Sul um grupo de trabalho para a realização de estudos necessários ao desenvolvimento turístico. Esse grupo enfrentou dificuldades, pois “o Rio Grande do Sul era o primeiro estado a legislar sobre o turismo, adiantando-se à própria União” (Goidanich, 1993, p. 42).

Segundo o jornal *Correio Riograndense* (31-3-1948, p.4) de Caxias do Sul, o então governador do estado, Walter Jobim, esteve no Uruguai e foi recebido como chefe de estado. Seu discurso foi “uma pujante confissão de fé no futuro do Rio Grande do Sul”. O jornal informa que essa viagem trará benefícios ao turismo, à pecuária, à agricultura e ao comércio. Portanto, os governantes gaúchos foram buscar subsídios para desenvolver o turismo no Estado em outros países, inicialmente no Uruguai e, posteriormente, na Europa e nos Estados Unidos, uma vez que não havia nenhum órgão em nível nacional, nem em outros estados brasileiros, responsável pela atividade turística.

O Estado oficializa o Turismo em dezembro de 1949, quando o Legislativo aprovou e o então governador Walter Jobim promulgou a Lei nº 997 da Assembleia Legislativa, oficializando o turismo no Estado, com a criação do Conselho Estadual de Turismo (CET) e do Serviço Estadual de Turismo (SETUR). Este último, por falta de recursos, naquele momento não se concretizou, sendo implantado somente em 1959. Naquele ano, Oswaldo Goidanich foi nomeado diretor do SETUR, cargo em que permaneceu até 1963, atuando também como presidente do Conselho Estadual de Turismo, órgão consultivo.

Em 1959, através da solicitação do deputado João Caruso, foi promulgado o Decreto Lei nº. 10.470, que transferia o Serviço Estadual de Turismo da Secretaria de Obras para a Secretaria do Interior e Justiça e ampliava as suas atribuições, dando-lhe estrutura definitiva. Institucionalizava-se o primeiro órgão oficial de fomento ao turismo por um estado da União. Foi mantido o Conselho Estadual de Turismo, que passou a ser um órgão técnico-consultivo, integrado somente por profissionais da iniciativa privada, tendo apenas um representante do poder público. Uma das principais atribuições do SETUR foi a de promover a propaganda e informações turísticas do Estado.

Goidanich foi membro do CET durante todo período de existência (1950-1959). Em 1956 visitou, como convidado, o Office Nationale de Tourisme Suisse e elaborou, juntamente com Antonio Cassacia, o primeiro Plano de Turismo do Governo do Estado do Rio Grande do Sul (Gastal & Castro, 2008). As autoras também destacam a participação de Goidanich na “equipe mista brasileiro-norte-americana que desenvolveu um programa de ajuda técnica sob o título ‘Tourism Project for Brazil’”. Ele, juntamente com “Corinto de Arruda Falcão, George Craddock, brasileiros, e Ed Nelson e Edgar Heffner, norte-americanos, percorreu os Estados Unidos, estudando a infraestrutura turística local e as possibilidades potenciais do mercado turístico americano para o Brasil” (Gastal & Castro, 2008, p. 39).

Também na década de 1950, a Confederação Nacional do Comércio, conduzida por Umberto Stramandinoli, começou uma campanha para oficializar o turismo no país, iniciando com a organização dos Congressos Brasileiros de Turismo, realizados em 1956 e 1957. “De sua iniciativa, também foi a criação do Conselho de Turismo da Confederação Nacional do Comercio, presidida por Corinto de Arruda Falcão” (Goidanich, 1993, p. 53).

No início de 1958, o presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira (1956-1961) buscou obter um empréstimo para o Brasil com o presidente norte-americano Dwight D. Eisenhower (1953-1961), através do programa *People to People*, e que criara, em 1957, uma agência de financiamento, o Development Loan Fund, com a finalidade de auxiliar financeiramente os países que tivessem interesse em desenvolver o seu turismo. Eisenhower acreditava na importância do turismo como instrumento de paz e enriquecimento das nações. O pedido de empréstimo não foi atendido, apenas ajuda técnica para que o Brasil organizasse racionalmente o seu potencial turístico. Com o aval de Juscelino, firmou-se um convênio e nascia o Tourism Project for Brazil (Goidanich, 1993).

Conforme descrito por Goidanich (1993), a década de 1950 foi histórica para o turismo gaúcho, alcançando o Estado à condição de pioneiro na oficialização do turismo em nível estadual. O Plano de Turismo foi a primeira tentativa oficial de organização do turismo em um estado do Brasil. A partir da oficialização do turismo no Rio Grande do Sul, alguns estados brasileiros despertavam para a atividade turística e se deslocavam ao sul para aprender com essa experiência.

No início da década de 1960, o SETUR, juntamente com a COMBRATUR, órgão da gestão federal, promoveu a propaganda e informação turística do Estado. Em 1961 foi fundada a Associação Brasileira de Agências de Viagem, Secção do Rio Grande do Sul [ABAV-RS], colaborando com o órgão estadual na luta pelo Turismo. Victor Faccioni (6-6-2008) relata que na década de 1960, em Caxias do Sul, também se estruturava um Serviço Municipal de Turismo, que teve a sua frente o professor e jornalista Mário Gardelin. Para ele, esses dois serviços, o Estadual e o Municipal de Caxias, serviram de base, de referência, em âmbito nacional.

Outro fator importante foi o processo de implantação dos Conselhos Municipais de Turismo no Estado, ocorrido durante toda a década de 1960. Os primeiros municípios que criaram seus conselhos municipais de turismo foram Canela, Gramado, São Francisco de Paula, Porto Alegre e Pelotas. A criação dos conselhos expressa a preocupação já existente no setor do turismo quanto à necessidade de uma instituição capaz de estimular esta atividade econômica nos municípios. Os Conselhos, juntamente com o SETUR, promoveram várias festas pelo Estado.

O SETUR possuía em sua estrutura uma Seção de Certames e Exposições responsável pela organização dessas festas e o Plano Estadual de Turismo tinha como um dos seus objetivos organizar o Calendário Turístico do Estado (Gastal, Machiavelli & Guterres, 2013), demonstrando a importância das festas e eventos para o turismo no Rio Grande do Sul. O jornal *Correio RioGrandense* de Caxias do Sul também destaca a importância das festas enquanto atratividade turística, quando afirma que: “Espera-se que o ano de 1965 venha a ser ainda mais promissor para o turismo, dado o número de importantes certames turísticos que fazem parte do calendário turístico do Rio Grande do Sul” (*Correio RioGrandense*, 27-1-1965, p. 1). A mesma reportagem destaca o aumento do número de turistas no Estado: “O ano que findou foi de grande aumento de turistas em nosso Estado. O serviço Estadual de Turismo revela um aumento de 81.070 turistas em 1964” (*Correio RioGrandense*, 27.01.1965, p. 1).

Victor Faccioni (06/06/2008), quando Deputado Estadual [967/1969], propôs uma Comissão Especial de Turismo na Assembleia Legislativa do Estado, para debater a potencialidade e a necessidade de maior exploração do turismo. Convidou para assessorar a comissão, Oswaldo Goidanich, que era, então, funcionário da Assembleia Legislativa do Estado; o jornalista Kleber Borges de Assis; e o professor Mário Gardelin, considerando que todos tinham experiência na questão.

Os trabalhos da Comissão estenderam-se de 1967 a 1969. Durante a realização do I Encontro Oficial de Turismo no Rio de Janeiro, coordenado pela Embratur, representantes dessa Comissão participaram e, conforme Victor Faccioni (6-6-2008), levaram diversas propostas, sugestões e reivindicações. Muitas delas serviram de base tanto para ações em âmbito nacional, quanto para muitos estados e municípios de todo o Brasil. No encerramento dos trabalhos, a Comissão Técnica nº I, a do RS pede a transcrição dos dois votos de louvor:

A Delegação do Estado do Rio Grande do Sul do I Encontro Oficial do Turismo Nacional congratula-se com os jornais e revistas nacionais que divulgam periodicamente páginas sobre a indústria turística brasileira, contribuindo, com seus artigos, reportagens e informações, para o fomento do turismo e para a criação da mentalidade turística, e agradece a valiosa colaboração que esses órgãos da imprensa têm dado ao Rio Grande do Sul, para o maior conhecimento dos centros e atrações turísticas gaúchas.

A Delegação do Rio Grande do Sul ao I Encontro Oficial do Turismo Nacional propõe um voto de louvor à empresa privada, principalmente aos agentes de turismo de empresas de transportes aéreos e rodoviários, hotéis, restaurantes, bares e demais serviços diretamente ligados à indústria de turismo, pela obra pioneira que vêm realizando no Brasil, em torno da racional implantação da indústria turística nacional. (Anais I Encontro Oficial do Turismo Nacional, 1967, p. 55)

Esses agradecimentos demonstram o apoio dos jornais, revistas, da imprensa em geral e da iniciativa privada ao desenvolvimento do turismo no Rio Grande do Sul. Durante a década de 1970, reportagens sobre o tema turismo são quase diárias no jornal *Correio do Povo*. A partir de 1943, Oswaldo Goidanich conduziu, pelas colunas desse jornal, uma importante campanha em favor da atividade turística e pela oficialização do turismo no Estado. A Comissão Especial de Turismo, na Assembleia Legislativa do Estado, entregou o relatório final dos seus trabalhos ao deputado Otávio Germano, presidente da Assembleia Legislativa, em janeiro de 1970. O deputado Victor Faccioni, presidente da Comissão, o deputado Osmany Veras, relator, e Walter Seabra, diretor do SETUR, proferiram discursos. Walter Seabra, no seu discurso, diz:

[...] chega o relatório em momento decisivo para o turismo gaúcho, quando a EMBRATUR, movendo os seus imensos recursos e pondo em prática as altas finalidades para as quais foi criada, apressa-se a materializar o PLANTUR — Plano Nacional de Turismo. O Rio Grande do Sul goza, no seio

da Embratur – e disso tivemos inúmeros e eloqüentes [sic] testemunhos – o mais alto conceito turístico. Aqui mesmo estão os ilustres técnicos que a Embratur e a Sudesul nos enviaram para fazer o levantamento integrado do patrimônio turístico do nosso estado, de Santa Catarina e do Paraná. (Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 1970, s/p).

Victor Faccioni (6-6-2008) lembra que o trabalho final dessa Comissão resultou na proposta de criação de uma Companhia Riograndense de Turismo [CRTUR] e uma Secretaria Estadual de Turismo. A Comissão também propôs uma série de medidas de apoio ao setor, que serviram de estímulo e modelo para outros Estados^{vii}.

Também, nesse período, outras ações em prol do Turismo começam a ser realizadas no Estado. Em 1968, o trabalho técnico da Embratur começou a se delinear no horizonte nacional. Foram reveladas as primeiras estatísticas sobre o fluxo de visitantes e um conjunto de estudos de mercado. Ao começar o seu trabalho de planejamento em nível nacional, a Embratur propunha à Superintendência de Desenvolvimento da Região Sul [Sudesul], celebrar um convênio pelo qual esta assumiria os encargos de desenvolver o Plano Regional de Turismo Capítulo Sul, do Plano Nacional de Turismo. O convênio foi assinado a 15 de agosto de 1969.

Observando o desenvolvimento do turismo em países desenvolvidos, sobretudo na Europa, o Ministério do Interior no Brasil, através da Sudesul, contratou os serviços técnicos do grupo espanhol-brasileiro Engevix-Tecnibéria para que, juntamente com a Sudesul, elaborasse o Plano Regional de Turismo – Região Sul [Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná]. Para Norma Martini Moesch (12-3-2009):

[...] quando o governo brasileiro, através do Ministério do Interior, importa da Espanha, solicita ao governo espanhol apoio, importa da Espanha esse know how da Tecnibéria que vai formar o consórcio com a empresa brasileira chamada Engevix, [...] se instala aqui este comitê, esse grupo de trabalho que vai inventariar todo o território do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e Paraná, vinculados pela organização chamada SUDESUL, oficial, que tem um comprometimento de acelerar o desenvolvimento destes três Estados, e buscar todas as suas opções possíveis, porque na época de 1970 a região sul era considerada o Celeiro do Brasil, nós alimentávamos o país, tínhamos esse, essa competência e essa responsabilidade, eram os países, os Estados que juntamente com São Paulo representavam todo um processo imigratório, uma nova força de trabalho. Então, incorporar o turismo seria de fato dar conta da 31ª meta do governo Juscelino Kubitschek, lembra disso? Então, ele, o voto dele foi o voto perdido, mas as trinta metas do governo JK na verdade eram trinta e uma metas, e a 31ª era apostar no turismo, que foi a resposta que o governo norte-americano mandou quando o Juscelino Kubitschek pediu mais dinheiro emprestado para os americanos e foi o Eisenhower que mandou responder que essa 31ª meta traria ao Brasil aquilo que Juscelino Kubitschek estava esperando com o capital externo, olha só, para acelerar o desenvolvimento da economia, bueno, isso dito,

forma-se o consórcio e esse consórcio, essa leitura, esse diagnóstico extremamente favorável às condições, à vocação do território Riograndense para o turismo, assim com Santa Catarina e o Paraná, desperta a necessidade de se indicar como base e fundamentação do êxito desse plano de governo a formação de recursos humanos para gerenciamento do turismo. Então aparece pela primeira, eu não diria pela primeira vez porque o documento base, aquele que é de responsabilidade do Oswaldo Goidanich foi de 1956, que é o Serviço Estadual de Turismo, o documento já preconiza entre as ações e as estratégias a necessidade de se estimular as instituições de ensino, só não estabelece que seja ensino superior, de ensino e formação de mão de obra, diz ali, que se preparem gerentes para o exercício das atividades, mormente no meio hospedeiro, para hotelaria. Está bem pontual, juntamente com os incentivos que são ali definidos, o Fundo de Turismo que já é defendido lá nos ditos de 1956, já há uma indicação e um alerta para essa necessidade de capacitar recursos humanos. Bem, essa preocupação se estende e toma, vamos dizer, uma posição de destaque no documento que preconiza o Sistema Estadual de Turismo.

Durante a elaboração do Plano Regional de Turismo Capítulo Sul, em 1971, o governo estadual de Euclides Triches, mediante a Lei 6.237, extinguiu o Setur e criou a Secretaria de Turismo do Estado e a Companhia Riograndense de Turismo, esta última pela Lei 6.238. A década de 1970 marcou o início da planificação do turismo no Rio Grande do Sul, o poder público passa a entender o turismo como uma ‘indústria sem chaminés’. Até a década de 1960, a atividade turística se dava de forma muito tímida. O fortalecimento da política de turismo no Estado foi resultado de algumas ações de caráter político que começaram a ser pensadas ainda nos anos 1950 e 1960 que visavam inserir a região na lógica de desenvolvimento capitalista.

A partir dos anos 1970 há, por parte do Estado, o incentivo à implantação de diversas atividades econômicas, industriais, comerciais ou agrícolas, que na ótica do poder público possibilitarão o progresso socioeconômico da região. Entendemos que a ‘indústria do turismo’, termo encontrado em alguns dos documentos pesquisados, foi mais uma das atividades econômicas implantadas na região, e conseqüentemente, no estado do Rio Grande do Sul. Hohlfeldt e Valles (2008) destacam que as ideias de Goidanich:

[...] fizeram dos cinquenta [sic] anos de dedicação ao turismo, por parte de Goidanich, um acelerado processo de modernização e conscientização do turismo enquanto atividade socioeconômica e cultural. O que, nos primórdios dos anos 1930 e 1940, era uma novidade, com Goidanich e a sua geração de colegas pioneiros no turismo gaúcho, foi tendo ampliado o seu *status* como atividade profissional. Os anos 1970 e 1980 aparecem como um essencial complemento e evolução às iniciativas que fizeram do Rio Grande do Sul um estado com conscientização turística. (p. 38)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas décadas de 1920 e 1930 iniciam os primeiros movimentos turísticos no Rio Grande do Sul, quando moradores do Estado costumam realizar viagens a Montevideu, Punta del Este e também a Buenos Aires, na Argentina. Nos anos de 1930, deslocam-se para o Uruguai em função de Montevideu estar se configurando como uma capital urbana relacionada com o mar, símbolos da modernidade, fato que atraía banhistas argentinos e brasileiros. Os uruguaios, por sua vez, vinham para o Estado durante sua semana oficial do turismo e tinham como destino principalmente Porto Alegre, participando das comemorações do Centenário da Revolução Farroupilha, e também a Serra Gaúcha.

Foi a partir desses deslocamentos que o Estado começa a atentar para a atividade turística. Já na década de 1940, a revista *A Gaivota* destaca as praias gaúchas, o que influenciou a construção de cidades balneárias do litoral gaúcho. Nesse sentido, é possível inferir que neste momento inicial o Brasil buscou referências para o desenvolvimento do turismo no país vizinho, o Uruguai, que já havia dado início ao processo de institucionalização da atividade turística com a criação do Conselho Nacional de Turismo, no início da década de 1930.

As comemorações do Centenário Farroupilha, em 1935, foram promovidas pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul, e tiveram o intuito de mostrar o ingresso do Estado em uma época de modernização e desenvolvimento, o que acabou gerando um aumento de visitação à cidade de Porto Alegre. Outro fato determinante para o turismo no Rio Grande do Sul foi a instalação, em 1935, da Secção do Rio Grande do Sul do Touring Club do Brasil. Durante muito tempo o Touring liderou as atividades turísticas no Estado. O turismo no Estado do Rio Grande do Sul começou a dar seus primeiros passos significativos como atividade organizada a partir da década de 1930, pois os seus principais atores e instituições empreenderam relevantes ações neste sentido.

Ao estudar a história do turismo no Rio Grande do Sul o que parece indicar é que a atividade se configura no Estado a partir de referências, principalmente do Uruguai. O que determinou o turismo no Estado neste período foram as comemorações do "Centenário Farroupilha; a instalação do Touring Club do Brasil – Secção do Rio Grande do Sul; e a Festa da Uva realizada em Caxias do Sul.

REFERÊNCIAS

- Alberti, V. (2005). Fontes Oraís. História dentro da História. In: C. B. Pinsky (Org.). *Fontes Oraís* (pp. 155-202). São Paulo: Contexto.
- Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul. (1970). *Relatório à Comissão Especial de Turismo*. Rio Grande do Sul.
- Brasil (1967). *Anais... I Encontro Oficial do Turismo Nacional*. Ministério da Indústria e do Comércio; Conselho Nacional de Turismo – CNTUR; e Empresa Brasileira de Turismo – EMBRATUR.
- Cellard, A. (2012). A análise documental. In: J. Poupart *et al.* (Orgs.). *A Pesquisa Qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos* (pp. 295-316). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Ceroni, G. C. (2009). *A exposição do centenário da Revolução Farroupilha nas páginas dos jornais Correio do Povo e A Federação*. Dissertação, Mestrado em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil. [Link](#)
- Correio RioGrandense (31 mar. 1948). O que vai pelo mundo [Versão Eletrônica]. *Jornal Correio RioGrandense*, p. 4. [Link](#)
- Correio RioGrandense (27 jan. 1965). Turismo aumenta no Estado [Versão Eletrônica]. *Jornal Correio RioGrandense*, p. 1. [Link](#)
- Flores, H. H. (org.) (1993). *Turismo no RS: 50 anos de pioneirismo no Brasil*. Porto Alegre: Edipucrs.
- Gastal, S. A., Machiavelli, M. S., & Guterres, L. S. (2013). Festa Temática: da tradição à modernidade. *Turismo em Análise*, 24(2), 432-458. [Link](#)
- Gastal, S., & Castro, M. N. (2008). A construção do campo do Turismo: o papel do Touring Club no Rio Grande Sul. In: L. A. Candido, & A. M. Zottis (orgs.). *Turismo Múltiplas Abordagens*. Novo Hamburgo, RS: Feevale. [Link](#)
- Goidanich, O. (1993). A saga do turismo no Rio Grande do Sul. In: H. H. Flores (Org.). *Turismo no RS: 50 anos de pioneirismo no Brasil*. Porto Alegre: Edipucrs.
- Hohlfeldt, A., & Valles, R. R. (2008). *Dois Pioneiros da Comunicação no Rio Grande do Sul: Oswaldo Goidanich e Roberto Eduardo Xavier*. Porto Alegre: Edipucrs. [Link](#)
- Le Goff, J. (1990). *História e Memória*. Campinas: Unicamp.
- Luca, T. R. de (2005). História dos, nos e por meio dos periódicos. In: C. B. Pinsky (org.). *Fontes Oraís* (pp. 111-153). São Paulo: Contexto.

- Machado, N. H. N. (1990). *A Exposição do Centenário Farroupilha: ideologia e arquitetura*. Dissertação, Mestrado em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil. [Link](#)
- Maronna, M. (2012). Las representaciones del Uruguay turístico en 1930. *Estudios y Perspectivas en Turismo*, 21(3), 568-584. [Link](#)
- Meihy, J. C. S. B. (2011). *História Oral: como fazer como pensar*. São Paulo: Contexto.
- Moesch, N. M. (1997). *Cortina de Cristal: Processo Imigratório, Identidade Cultural e Comunicação Turística*. Dissertação, Mestrado em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil.
- Pesavento, S. J. (2010). *A Revolução Farroupilha*. São Paulo: Brasiliense.
- Reginato, J. da C. (2010). *A Produção Fotográfica da Exposição do Centenário Farroupilha: Visualidades de um evento*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Brasil. [Link](#)
- Relatório sobre a Exposição Farroupilha apresentado pelo Comissário Geral Major Alberto Bins ao Exmo. Sr. Governador do Estado, Gal. J. A. Flores da Cunha*. (1936). Porto Alegre: Globo.
- Schommer, L. R. (2014). Turismo no Rio Grande Do Sul: A Presença Histórica em Nova Petrópolis. *Revista Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade*, 6(2), 293-306. [Link](#)
- Schossler, J. C. (2016). *Utopias marítimas no Atlântico Sul: imaginário e tipologias no litoral do Uruguai e do Rio Grande do Sul (1860-1950)*. Tese, Doutorado em História, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, Brasil. [Link](#)
- Schossler, J. C. (2017). *Patrimônio balneário: a cultura do veraneio no Rio Grande do Sul e Uruguai. 2ª Chamada Pública de Artigos do Centro Lucio Costa/CLCIPHAN, UNESCO*. [Link](#)
- Schossler, J. C. (2019). Aspectos da vida balneária nas revistas A Gaivota e Turismo en el Uruguay, 1930-1950. *Antíteses*, 12(23), 306-336. [Link](#)
- Teles, R. M. de S., Pieri, V. S. G. de, & Oliveira, F. de (2016). *Turismo e Política Externa Brasileira: de Vargas a Dilma*. Boa Vista: UFRR. [Link](#)
- Valduga, M. C. (2007). *Desmitificando um Modelo de Desenvolvimento: a formação da sociedade do turismo na periferia do capitalismo*. Dissertação, Mestrado em Turismo, Universidade de Caxias do Sul, Brasil. [Link](#)
- Valduga, V. (2011). *Raízes do Turismo no Território do Vinho: Bento Gonçalves e Garibaldi – 1870 a 1960 (RS, Brasil)*. Tese, Doutorado em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. [Link](#)

Zanini, M. C. C., & Santos, M. de O. (2013). As Festas da Uva de Caxias do Sul, RS (Brasil): Historicidade, mensagens, memórias e significados. *Artelogie*, 4, s/p. [Link](#)

Entrevistas:

Edison Batista Chaves. Entrevista concedida em 2008. *Norma Martini Moesch*. Entrevista concedida em 2009. *Victor Faccioni*. Entrevista concedida em 2008.

NOTAS

ⁱ As entrevistas, conforme a história oral, foram realizadas para a tese de Dalila Rosa Hallal, *O Curso de Turismo da PUCRS: a trajetória dos seus 38 anos de existência – do Bacharelado (1972) ao Tecnólogo (2010)*. As entrevistas aqui utilizadas foram selecionadas por relacionadas ao processo de desenvolvimento do turismo no Rio Grande do Sul. Elas forneceram rico material que subsidiou e fomentou nossas discussões. Uma vez selecionadas as entrevistas, foram separados os trechos para análise que se referiam explicitamente ao objeto desse artigo, para explicitar e sustentar nossas reflexões e argumentações.

ⁱⁱ A exposição contava com um Pavilhão da Agricultura, com 804 expositores; um Pavilhão Industrial, com 905 expositores; um Pavilhão das Industriais Estrangeiras, com 137 expositores; um Pavilhão Cultural e pavilhões próprios de vários estados brasileiros. O evento contou ainda com um Cassino e uma churrascaria, que teria sido a primeira do Estado (Gastal; Machiavelli & Guterres, 2013).

ⁱⁱⁱ Conforme Reginato (2010) foram enviadas correspondências por Alberto Bins aos consulados de 21 países, solicitando a divulgação do evento e as cartas para os diretores de indústrias estrangeiras, dando informações sobre a Exposição e insistindo na sua participação. O convite foi feito aos seguintes países: Alemanha, Argentina, Espanha, Finlândia, França, Dinamarca, Chile, Bélgica, Bolívia, Estados Unidos, Grã-Bretanha, Holanda, Hungria, Itália, México, Noruega, Paraguai, Portugal, Suécia, Suíça, Uruguai. Grande parte dos ofícios encontra-se arquivada no Arquivo Histórico Municipal de Porto Alegre.

^{iv} O Correio do Povo é hoje um jornal pertencente à Central Record de Comunicações, com circulação no estado do Rio Grande do Sul, foi fundado em 1895 por Caldas Júnior. Foi o jornal de mais longa publicação em Porto Alegre, circulando por 89 anos ininterruptamente, até 1984, reiniciando sua publicação dois anos depois.

^v O Touring Club era um clube de atendia proprietários de automóveis, mas também produzia mapas e folheterias, de roteiro, e placas de sinalização de estradas. Houve época em que Porto Alegre e o Rio Grande do Sul eram sinalizados por placas do Touring. Eram placas de madeira tratada para ficarem ao relento por muitos anos, em cor branca e preta, o emblema do Touring Club em destaque (Edison Batista Chaves, 06-06-2008).

^{vi} A primeira edição da Festa da Uva, realizada em 8 de março de 1931, era chamada de Festa das Uvas, evento anual das uvas e, segundo Valduga (2011) “foi mais uma exposição de uvas do que propriamente uma festa. O caráter festivo viria na segunda edição, a de 1932” (p. 125).

^{vii} O relatório final da referida Comissão foi publicado e está disponível na Assembleia Legislativa, na divisão da Biblioteca de Memória Parlamentar.

PROCESSO EDITORIAL

Recebido: 9 ABR 23

Aceito: 16 ABR 24